

A primeira impressão de André, ao inspirar aquela golfada de ar da rua, foi a de que não poderia tratar-se da mesma mistura gasosa que ocupava a galeria de onde acabava de sair, movido pela urgência. O efeito foi o de um elixir, de um cordial poderoso dispensado por algum ente benigno que se tivesse apiedado dele e soubesse o que lhe custara permanecer tanto tempo naquela atmosfera saturada de humidade e de vozes convencidas da justiça daquilo que sentenciavam.

A impressão seguinte foi de desordem e frenesim. Uma energia selvagem percorria aquela rua do Bairro Alto. As criaturas, em trânsito ou não, falavam em voz alta e descreviam gestos exagerados na rapidez, na latitude e na longitude. Era noite de inaugurações: quem se deslocava, sozinho ou em grupo, no passeio ou no asfalto, fazia-o em passo de corrida. O fluxo humano que entrava e saía das numerosas galerias abertas deixava adivinhar um bairro inteiro mudado em palco de correrias, de idas e vindas atléticas, de chamamentos demasiado sonoros, de risos em excesso.

A mulher estava de pé no passeio do lado oposto, sozinha, encostada à montra de uma loja de pronto-a-vestir em que se viam um manequim despido e um manequim envergando um vestido estampado com temas tropicais, incluindo um enorme tucano multicolor. O efeito combinado da iluminação pública e dos néones de uma delegação do banco Santander Totta era apenas suficiente para

André perceber que ela usava uma blusa branca e calças pretas. Na mão direita, um copo de plástico igual aos que serviam na galeria. Havia grupos de pessoas à sua direita e à sua esquerda, mas ela olhava a direito, sem fixar nada em particular. André atravessou a rua e fez menção de se misturar com um dos grupos, mantendo-se a uma distância que não atraísse atenções ou tentativas de encetar diálogo.

Meteu conversa com a mulher como alguém a quem a convenção social obriga a reagir a uma proximidade física accidental.

Perguntou-lhe se tinha estado na galeria. Ela disse que sim.

Perguntou-lhe o que estava a beber. Ela respondeu com um gesto que tanto podia significar “o mesmo que todos” ou “pouco importa”.

Apontou para um cortejo um pouco mais barulhento e agitado do que os outros, cujas vozes faziam pensar numa serenata improvisada, misturada com protestos, interjeições e exclamações de puro entusiasmo mal contido.

— Quem diria que a arte ainda é capaz de suscitar tanto entusiasmo e justificar tanto dispêndio de energia? Talvez o mundo ainda tenha salvação.

Houve uma pausa antes de a mulher responder:

— Quanto à salvação do mundo, não tenho opinião. Sobre a ebulição humana que se vive nestas ruas e nos faz sentir no meio de uma insurreição, só tenho a dizer isto: o poder da arte para excitar as paixões é ridiculamente menosprezado. É um engano grave pensar que as pessoas vêm ver exposições de pintura à procura de enriquecimento espiritual. É do estômago e do coração que se trata, são as vísceras que falam.

— Falas por experiência própria? — perguntou André, desviando-se de um indivíduo que corria às arrecuas com uma garrafa debaixo do braço. Aproveitou para se aproximar meio passo da mulher. A pele dela era baça e percorrida por rugas finíssimas. O cabelo era belo e abundante, mas pouco cuidado. Uma penugem, provavelmente muito suave, cobria-lhe parte do queixo e a pele junto às orelhas. Usava dois brincos rombóides da cor do sangue seco.

— Experiências repetidas, ano após ano, sempre com o mesmo resultado.

— O que existe aqui que possa conduzir ao desvario?

André apontava agora para os quadros que se avistavam, através das largas janelas, no interior da galeria de onde saíra. Cada tela, de formato quadrangular e de grandes dimensões, estava ocupada por faixas paralelas, todas da mesma cor (verde-alface, azul-cobalto, carmim, amarelo-canário, negro) sobre fundo branco. De tela para tela (tapadas parcialmente pelas silhuetas de visitantes que circulavam em passo tenso, se agrupavam, dispersavam quase imediatamente), variavam a cor, a largura, o número e a orientação das faixas: horizontais, verticais, oblíquas.

— Gerard van Bladeren.

— O quê? Não percebi.

— Gerard van Bladeren. O nome diz-te alguma coisa?

Pela primeira vez, voltara-se para o lado de André, mas sem o olhar nos olhos. Falava como se recitasse uma lição.

— Devia conhecê-lo?

— No dia 21 de Março de 1986, Gerard van Bladeren, um pintor abstracto desconhecido, entrou no Museu Stedelijk em Amsterdão munido de um x-acto e retalhou a tela *Who's Afraid of Red, Yellow and Blue III*, da autoria de Barnett Newman. Mais tarde, justificou a sua acção como uma homenagem a um colega da escola do realismo mágico, Carel Willink, mas também admitiu sofrer de esquizofrenia. A direcção do museu optou por mandar restaurar a tela, tendo contratado para isso o norte-americano Daniel Goldreyer. O resultado do restauro provocou uma controvérsia de grandes proporções. Goldreyer foi duramente criticado por ter usado tintas acrílicas e rolos para pintura de paredes, em vez do óleo e do pincel que Newman empregara. Foi ainda acusado de ter transformado a vastíssima superfície vermelha num monocromo puro, ao passo que o original era uma mistura subtil de magenta e terra-de-siena. Conheces o quadro?

— Nunca o vi.

— Vai daqui até ali — o braço esquerdo apontava para o rosto sorridente de um pai de família num anúncio de uma conta pou-

pança, na montra da agência bancária; o braço direito indicava o bico enorme e garrido do tucano. — Enche a parede de um museu. O vermelho ocupa quase toda a superfície; sobram apenas uma faixa amarela à direita e uma faixa azul à esquerda, ambas delgadíssimas, quase invisíveis. Quando nos aproximamos um pouco, somos sufocados pela imensidão vermelha. É demasiado humana a tentação de projectarmos os nossos anseios, terrores e desejos naquela superfície sem fim. Van Bladeren afirmou que não era contra toda a arte, mas apenas contra a arte “abstracta ou realista”.

André sobressaltou-se por causa de um passante que fizera questão de o abraçar por trás, antes de seguir o seu caminho, urrando, correndo e acenando.

— A arte abstracta sempre suscitou revolta — disse André. — Optar deliberadamente por não imitar o mundo é, para muitos, o escândalo supremo.

— Escandalizar-se é fácil. Destruir uma tela do tamanho de uma parede, composta apenas por superfícies coloridas, é uma coisa diferente. Existe aqui sentido de missão. Ele acreditava que estava a livrar a humanidade de um perigo imenso.

— Estavas a explicar-me o que se passou com o restauro.

— Pois é, o restauro. O município de Amesterdão processou o restaurador; o restaurador processou o município de Amesterdão. O caso arrastou-se e acabou num acordo amigável. A tela restaurada está agora protegida por uma barreira e um sistema de alarmes. As más-línguas dizem que é para evitar que os visitantes examinem com demasiada atenção o restauro deficiente. Quanto a Van Bladeren, cumpriu a sua sentença de 8 meses de prisão, manteve-se na obscuridade durante anos e reemergiu para vandalizar uma nova obra do mesmo pintor, *Cathedra*, em 1997.

— Um homem de convicções duradouras. E que achas dos quadros que estão neste momento a ser contemplados, admirados e, não duvido disso, secretamente repudiados por esta turba, aqui mesmo ao nosso lado? Haverá razões para temermos actos tresloucados?

— Um acto tresloucado deveria ser o menor dos nossos receios
 — respondeu ela, com um vestígio de sorriso a formar-se nos lábios.

— Conheces a artista?

— Conheço-a razoavelmente bem. E tu?

— Mal sei o nome dela. Vim arrastado por amigos. Estou fora do meu elemento. Vim com o Ludwig, um crítico de arte que nos garantiu que esta era a inauguração que ninguém no seu perfeito juízo se poderia atrever a falhar. Vim com o meu amigo Amadeu e com a Luna, que é a companheira do Amadeu. Vim com a Solange, que é a melhor amiga da Carlota, e vim com a própria Carlota. Ela fez questão de vir. A Carlota é a minha companheira.

— Porque é que me estás a revelar esses nomes todos?

Sim, porquê? André voltou-se e espreitou para o interior da galeria, que continuava a fervilhar de gente e a cuspir e absorver corpos com equanimidade. Pensou nos amigos como se fossem grãos de pólen indefesos no meio de toda aquela agitação. Sentiu vontade de repetir novamente os nomes deles, para se convencer de que continuavam ali e de que seria capaz de os descrever e indicar a sua localização, se a conhecesse.

— E tu, estás com alguém?

Novamente, o gesto dela poderia significar várias coisas: “Todos estamos com alguém”, “Esqueceram-se de que eu existo”, “Ninguém pode passar sem história e sem séquito”. Mas as palavras dela, desta vez, levantaram a ambiguidade:

— Estou sozinha, mas à espera de alguém.

E, imediatamente a seguir:

— Aliás, aqui está ele.

Ao cimo da rua, surgiu um homem que se aproximava em passo negligente, mal reparando nas figuras em animado trânsito que cruzavam o seu caminho. Saudou com um aceno; ficou a olhar para André com uma expressão de curiosidade moderada. Tinha entre trinta e trinta e cinco anos, cabelo a precisar de champô, óculos de massa, barba de três dias arruivada, calças claras e *blazer* escuro, um sinal de nascença do tamanho de uma moeda de 10 cêntimos junto ao queixo. André deu por si a prestar aten-